

esplendorosa e secreta na Cordilheira, que permanecia desconhecida e inacessível para os colonizadores europeus, embora fosse eventualmente avistada à distância por algum explorador estrangeiro. Em “Ísis”, ela conta:

“Além do fato de que essa cidade misteriosa foi vista a uma grande distância por viajantes ousados, não há qualquer impossibilidade intrínseca na ideia da sua existência, pois quem pode dizer o que foi feito do povo primitivo que fugiu diante dos salteadores de Cortez e Pizarro? O dr. Tschuddi, em seu trabalho sobre o Peru, fala de uma lenda indígena segundo a qual um comboio de 10.000 lhamas carregadas de ouro, para completar o valor do resgate do desafortunado Inca, foi surpreendida nos Andes pela notícia de sua morte, e o enorme tesouro foi tão eficazmente escondido que nem um traço seu jamais foi encontrado. Ele, assim como Prescott [2] e outros escritores, informam que os índios até hoje preservam suas tradições e castas sacerdotais, e obedecem implicitamente às ordens de governantes escolhidos entre eles, enquanto são ao mesmo tempo nominalmente católicos e submetem-se de fato às autoridades peruanas. As cerimônias mágicas praticadas por seus ancestrais ainda prevalecem entre eles, e fenômenos mágicos ocorrem. Tão persistente é a lealdade deles ao passado, que parece impossível que não estejam se relacionando com alguma fonte central de autoridade que apóia e fortalece constantemente sua fé, mantendo-a viva. Será que as fontes dessa fé imorredoura repousam nessa cidade misteriosa, com a qual estão em comunhão secreta?” [3]

Além de ser um local fisicamente importante, este centro energético inspirador da cultura andina permanecia ativo no século 19 e irradiava sua influência apesar das novas condições históricas. Talvez ainda esteja atuante no século 21, de algum modo.

Seguramente, pelo menos uma grande cidade andina - Macchu Picchu - foi descoberta depois da publicação de “Ísis Sem Véu”. A impressionante cidade construída em plena cordilheira peruana foi descoberta em 1911 - 20 anos depois da morte de H.P.B. - por uma expedição chefiada pelo cientista norte-americano Hiram Bingham (1875-1956). Bingham contou em detalhes a descoberta em seu livro “The Lost City of the Incas”. [4]

Em “Ísis Sem Véu” (vol. II, p. 224), H.P.B menciona que o acesso à cidade secreta dos andinos se dava através de uma passagem subterrânea. Esse dado antecipado por H.P.B. coincide com a narrativa de Hiram Bingham. Ele afirma - nas pp. 217-18 da sua obra - que o caminho nativo para chegar a Macchu Picchu era um túnel subterrâneo. O início do túnel estava oculto em uma caverna.

A Índia e o Peru

Entre outros motivos, os Andes sul-americanos têm um interesse especial para a teosofia clássica porque existe um forte parentesco cármico e cultural entre o povo andino e o povo indiano.

Na parte I do seu texto “**Una Tierra de Misterio**” - publicado em março de 2010 no site www.filosofiaesoterica.com - H.P.B. traça diversos paralelos entre a civilização andina pré-colonial e a civilização hindu. O Manco Capac das tradições andinas, diz ela, é o Manu da América do Sul. Em “**A Doutrina Secreta**”, H.P.B. mostra que, no passado remoto, os dois povos tinham muito em comum.

Nascido em 1936, o conhecido pensador peruano Hugo Neira aponta na mesma direção. Em sua obra “Hacia la Tercera Mitad” - que avalia a evolução do pensamento peruano desde o século 16 até o final do século 20 - Hugo Neira faz uma comparação sociológica e cultural entre a Índia e o Peru e afirma que nos dois países vige um sistema de castas étnicas essencialmente idêntico. [5]

Há, inegavelmente, inúmeros pontos em comum entre as civilizações andinas e as sociedades asiáticas. A filosofia esotérica valoriza as sociedades andinas, embora não caia na ingenuidade de adotar como válidas as suas numerosas superstições. A experiência e a sabedoria dos povos antigos é especialmente útil na atual transição planetária. Além disso, a cordilheira dos Andes tem, em si mesma, uma função inspiradora como centro de emissão de energias planetárias. Como se sabe, diferentes locais geográficos e ambientes naturais exercem diferentes influências psicológicas e espirituais sobre os seres humanos, e as cordilheiras não são exceção. A influência delas é espiritualizante e mística.

H.P.B. Visitou a Fronteira Entre Bolívia e Brasil

Durante uma das viagens de Helena Blavatsky aos Andes, ela esteve na fronteira entre Brasil e Bolívia. Ali, por algum motivo, ela juntou pedras de um rio para levar consigo em sua viagem intercontinental. As pedras haviam ido levadas pela força das águas desde o lado brasileiro até o lado boliviano da fronteira. H.P.B. conta que viajou com a pequena amostra de minérios para a Europa, onde confirmou que havia nas pedras um ouro de alta qualidade. [6]

Sabendo-se das dificuldades que uma mulher sozinha, durante o século 19, deveria ter para viajar de um continente para outro com bagagens pesadas, é possível deduzir que houve alguma razão definida pela qual H.P.B. decidiu recolher tais pedras. Na verdade, o episódio na fronteira da Bolívia com Brasil não foi um fato inteiramente isolado.

Para os ocultistas, o magnetismo é importante, e há uma passagem das Cartas dos Mahatmas em que um mestre pede a um discípulo leigo que lhe mande três pedras tiradas das margens do mar Adriático. O Adriático é um braço do Mar Mediterrâneo. O mestre escreveu a Alfred Sinnett:

“Você poderia encontrar um modo de recolher para mim três seixos? Eles devem vir das praias do Adriático - preferivelmente de Veneza; tão próximo do Palácio Dogal quanto eles puderem ser encontrados (...). Os seixos devem ter três cores diferentes; um vermelho, outro preto, o terceiro branco (ou acinzentado). Se conseguir pegá-los, por favor, mantenha-os separados de qualquer influência e contato exceto os seus...” [7]

Para concluir, cabe examinar a seguinte questão: havia algum contato regular entre os mestres e aprendizes da sabedoria esotérica residentes na Ásia e nos Andes peruanos? H.P.B. escreveu sobre isso. Ela disse em uma carta que certos altos discípulos asiáticos “são grandes amigos dos adeptos e chelas peruanos, mexicanos e indígenas de pele vermelha das Américas”. [8]

(CCA)

NOTAS:

[1] “The Wilson Quarterly”, revista publicada pelo Woodrow Wilson International Center for Scholars, Summer 1990, Cover Story, “Latin America’s Indian Question”, ver pp. 25-26.

[2] William H. Prescott, autor de “History of the Conquest of Peru”, ou “História da Conquista do Peru”, publicado no Brasil por Irmãos Pongetti, RJ, 1946, 560 pp.

[3] “Isis Unveiled”, Volume I, p. 546-548 , The Theosophy Company, Los Angeles, 1982 e “Ísis Sem Véu”, Volume II, p. 223 , Editora Pensamento, São Paulo, 2008.

[4] A primeira edição da obra é de 1948. Há uma edição peruana de 1988, Librerías A.B.C., Lima, em inglês, com 240 pp.

[5] “Hacia la Tercera Mitad”, Hugo Neira, segunda edición, Ed. SIDEA, Lima, Perú, 1997, 754 pp.; ver especialmente, pp. 194-204.

[6] “Ísis Sem Véu”, Ed. Pensamento, SP, vol. II, nota 47, última linha da p. 298 e a suas linhas primeiras da p. 299. A chamada para esta nota, no texto principal, está na linha número 9, contando de baixo para cima, na página 268.

[7] “Cartas dos Mahatmas”, Editora Teosófica, Brasília, edição em dois volumes, ver Carta C, vol II, p. 334.

[8] “The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett”, Theosophical University Press, Pasadena, California, USA, 1973, 404 pp., ver p. 85.

O QUE É UM TEOSOFISTA?

A Importância de Procurar a Verdade Por Si Mesmo

Helena P. Blavatsky

..... Todos os pensadores e investigadores originais do lado oculto da natureza, sejam materialistas - aqueles que veem na matéria “a promessa e a potencialidade de toda força terrestre” - ou sejam espiritualistas (aqueles que descobrem no espírito a fonte de toda energia e também de toda matéria) foram e são, propriamente falando, teosofistas. Porque, para ser teosofista, não é necessário reconhecer a existência de qualquer Deus ou divindade especial. Basta adorar o espírito da natureza viva, e tentar identificar-se com ela. Trata-se de reverenciar esta *Presença*, a Causa invisível, que no entanto está sempre se manifestando em seus resultados incessantes; o Proteus intangível, onipotente, e onipresente: indivisível na sua Essência e na sua forma indefinida, e no entanto aparecendo sob todas as formas e sob cada uma delas; e que está aqui e lá, em todo lugar e em lugar algum; que é TUDO e NADA; ubíquo e no entanto uno; a Essência que preenche, reúne, amarra e contém todas as coisas, e que está presente em tudo.

Pode-se ver agora, cremos, que, quer sejam classificados como teístas, panteístas ou ateus, tais homens estão próximos de todos os outros.

Seja como for, uma vez que um estudante abandona o velho e desgastado caminho da rotina e entra no caminho solitário do pensamento independente - em direção à divindade - ele é um teosofista. É um pensador original, um buscador da verdade eterna e que possui 'uma inspiração própria' para resolver os problemas universais.

A teosofia é aliada de todo aquele que busca seriamente, da sua própria maneira, obter um conhecimento do Princípio Divino, da relação do homem com este Princípio e das manifestações deste Princípio na natureza.

Ela é também aliada da ciência honesta - algo que é diferente de muita coisa apresentada como ciência *exata*, física - enquanto esta última não invadir indevidamente os domínios da psicologia e da metafísica. [1]

NOTA:

[1] O texto acima faz parte do artigo "What Are The Theosophists?" publicado na coletânea de três volumes "Theosophical Articles", Helena P. Blavatsky, Theosophy Co., Los Angeles, volume I, 1981, pp. 51-52.

Resultado Prático do Derretimento do Ártico: **Luta Cega Pela Posse de um Tesouro**

O rápido degelo do Ártico, em torno do pólo norte, ameaça a fauna local, liberta grande quantidade de água para o Oceano, altera a estrutura geológica do planeta e comprova o fato de que a transformação planetária está adiantada. Quais são as consequências políticas e sociais desse derretimento?

Assim como piratas ávidos diante de um tesouro roubado discutem entre si para ver quem pega mais jóias, assim também os países próximos discutem os direitos de cada um a colocar as suas mãos nas riquezas naturais do Ártico, inclusive petróleo, porque agora a região se torna navegável e de mais fácil acesso.

A luta pela posse dos recursos naturais do Ártico é tema de um livro - "**Who Owns the Arctic?**", de Michael Byers - , comentado nas pp. 154-155 da revista norte-americana "**Foreign Affairs**" de março-abril de 2010.

Este fato exemplifica o que se pode chamar de "feedback negativo": quanto mais a situação ambiental se agrava, menos existe uma resposta saudável, no curto prazo e a partir dos mecanismos socialmente legitimados, isto é, "países", "governos", "bancos", "partidos políticos", etc. A resposta saudável terá de vir de fora do campo conhecido, e não do campo do que se considera "institucionalmente previsível".

A função dos teosofistas e dos cidadãos planetários é expandir a sua lucidez individual e coletiva, exercitar o desapego e deixar que a ignorância trabalhe pela sua própria destruição. Eles devem preparar e construir um novo campo de percepção ética e filosófica da vida.

A Teosofia e o Pão Nosso de Cada Dia

A Filosofia Esotérica Afirma Que o Trigo Veio de Vênus, e Uma Lenda Indígena Diz o Mesmo Sobre a Agricultura e os Cereais

As diversas fontes científicas disponíveis neste início de século 21 parecem concordar com a ideia de que o trigo nunca foi encontrado como planta nativa de algum país do nosso planeta, e que o seu uso agrícola se confunde com a origem da civilização humana, cuja memória histórica não vai muito além de 6 mil anos atrás. Pesquisas científicas admitem que o material genético das várias espécies do trigo é bastante complexo, se comparado com a maior parte das espécies de plantas. Também se constata que com o tempo surgiram cruzamentos do trigo com outras espécies de plantas gramíneas. Daí, provavelmente, a sua diversidade atual. Não há, em enciclopédias ou estudos conhecidos, uma informação que diga: “o trigo é natural de tal lugar ou país”.

Mesmo nos registros mais antigos, o trigo já aparece como uma espécie vegetal “domesticada” e não como um “mato nativo”. Ele parece ter sido sempre um resultado da agricultura. Esta planta herbácea, da família das gramíneas, está presente nas lendas de quase todas as religiões, e elas lhe atribuem uma origem divina. Os fenícios agradecem pelo trigo às suas divindades; os hindus são gratos a Brahma. Para os gregos antigos, o trigo é um presente de Demeter, a deusa da agricultura, e para os romanos se trata de um presente da deusa Ceres: de “Ceres” vem o nome “cereal”. Os muçulmanos e cristãos também afirmam que a origem do trigo é celeste.

A filosofia esotérica tem uma explicação mais detalhada para a origem divina do trigo. A obra “A Doutrina Secreta”, de H.P.B., foi escrita com base nos registros esotéricos da evolução do nosso planeta, que estão sob a guarda de sábios do Oriente. Referindo-se a um momento decisivo da evolução terrestre e humana, esta obra clássica afirma o seguinte:

“Frutos e grãos até então desconhecidos na Terra foram trazidos de outros Lokas [Esferas] pelos ‘Senhores da Sabedoria’, em benefício daqueles que governavam.” [1]

A passagem diz respeito a Vênus, porque é de lá que vieram os “Senhores da Sabedoria”. Pouco mais adiante, HPB menciona o fato de que o trigo jamais foi encontrado em estado silvestre em nosso planeta, e acrescenta:

“Podem encontrar-se as formas primitivas de todos os demais cereais, em várias espécies de ervas silvestres: o trigo, porém, tem desafiado até agora os esforços dos botânicos para descobrir-lhe a origem. E não esqueçamos, neste particular, quão sagrado era este cereal entre os sacerdotes egípcios; o trigo era colocado até mesmo junto de suas múmias, em cujos ataúdes foi encontrado

milhares de anos depois.” [2] HPB lembra que, no livro egípcio dos mortos, vemos a deusa Ísis afirmar, seguindo a mesma linha das tradições de outros povos:

“Eu fui a primeira a revelar aos mortais os mistérios do trigo e dos cereais...”

H.P.B. também menciona o fato de que, segundo o I-Ching chinês, a agricultura surgiu graças “às instruções dadas aos homens pelos espíritos celestes”. [3]

Deste modo, podemos perceber facilmente um fato básico. Quando o cristianismo usa o pão em seus rituais, está adotando na realidade uma antiga tradição pagã, segundo a qual o trigo tem origem divina e extra-terrestre. Os vários mitos ocidentais e mais especificamente “A Doutrina Secreta” são confirmados também pela mitologia dos índios brasileiros Carajás.

Houve um tempo - diz uma lenda - em que a nação dos Carajás não sabia fazer roça, nem plantar o milho cururu, nem ananás, nem mandioca. A nação só vivia de frutas do mato, dos bichos terrestres que matava e de peixe. Naquela época, conta-se que um casal vivia com suas duas filhas.

Durante um certo anoitecer estrelado, a filha mais velha do casal olhou para Tahina-Can - Vênus, a “grande estrela” - e desejou fortemente viver com o planeta. Diante disso, o pai da moça riu. Ele disse que ninguém poderia alcançar Tahina-Can. A estrela vespertina estava muito longe.

O significado da passagem é que a humanidade olha para o alto em busca de ajuda em sua evolução. Ela aspira a algo maior, mas, inicialmente, a ajuda parece impossível.

À noite, quando todos dormiam, um velho de idade avançada surgiu e apresentou-se à moça. Disse que era Tahina-Can, Vênus, e perguntou a ela se queria casar com ele. Surpresa, ela disse que não. “Você é velho e feio”, explicou.

A velhice simboliza a sabedoria. A forma externa decepcionante serviu para testar o discernimento da discípula e saber se ela podia ir além das aparências. A humanidade de Vênus é mais velha e mais sábia que a humanidade terrestre. Porém, em geral, quando a ajuda do alto finalmente vem para os humanos, os mesmos que a pediram nem sempre estão dispostos a aceitá-la, porque ela não corresponde às expectativas criadas desde o ponto de vista da rotina e da ignorância. Neste caso específico, a ajuda vinda de Vênus pode ter sido rejeitada pelas sub-raças mais antigas da terceira raça-raiz, simbolizadas, na lenda, pela irmã mais velha.

Diante da reação da jovem, Tahina-Can começou a chorar. O choro de seres divinos simboliza não só a compaixão universal, mas também a irrigação, a purificação, a renovação da vida.

Denakê, a filha mais moça do casal, tinha um coração especialmente bondoso. Ela compadeceu-se do velhinho e disse que se casaria com ele. E ficaram juntos.

A bondade de coração abre as portas da sabedoria. O casamento entre o velho de Vênus e a filha mais moça do casal terrestre simboliza também a união alquímica entre eu superior - velho porque imortal - e o eu inferior, que é novo porque, sendo mortal, nasce outra vez a cada encarnação.

No dia seguinte, cedo pela manhã, o velho Tahina-Can, Vênus, foi trabalhar. Ele colheu sementes em um rio e criou a agricultura. Ele deu ao povo da terra os grãos e os cereais. E passou a usar um corpo físico jovem, adaptado ao processo terrestre. Assim se renovou o processo vital do nosso planeta. [4]

Esta tradicional lenda Carajá, do rio Araguaia, é mais uma validação no plano mitológico da afirmativa feita em “A Doutrina Secreta”, de que os sábios do planeta Vênus estão ligados à invenção da agricultura e ao começo do uso do trigo em nosso planeta.

Tais sábios deram vários tipos de apoio à evolução humana. Eles trouxeram ao nosso planeta o fogo da consciência, o princípio mental que nos faltava. Quando olhamos Vênus a cada anoitecer, ou quando comemos um pedaço de pão, vale a pena, portanto, lembrar que a evolução terrestre não é um processo isolado. Nosso ecossistema - nosso ambiente natural mais imediato - é o sistema solar.

NOTAS:

[1] Ver “A Doutrina Secreta”, de Helena Blavatsky, Ed. Pensamento, SP, volume III, p. 391. Na edição original em inglês “The Secret Doctrine”, de HPB, Theosophy Co., Los Angeles, ver volume dois, p. 373.

[2] “A Doutrina Secreta”, obra citada, volume III, p. 392.

[3] “A Doutrina Secreta”, obra citada, volume III, p. 393.

[4] “Lendas do Índio Brasileiro”, organização de Alberto da Costa e Silva, terceira edição, Ediouro, RJ, 300 pp., ver pp. 293-296.

Justiça para William Judge: O Quinto Ano de Cartas para Adyar

Pela quinta vez desde abril de 2006, estudantes independentes de vários países mandarão em torno de 13 de abril de 2010 cartas abertas para a sra. Radha Burnier, a presidente da Sociedade Teosófica de Adyar.

Eles pedirão à sra. Radha que interrompa uma injustiça começada em 1894 e que ainda prossegue, ao re-examinar o “processo” de Adyar contra William Q. Judge.

Uma decisão de Adyar neste sentido seria uma mostra de que a Sociedade de Adyar dá importância à Ética e à Verdade, e proporcionaria a uma grande parcela do movimento teosófico a possibilidade de conhecer e tirar proveito do exemplo de vida de Judge - além de ter acesso aos seus escritos.

A campanha de cartas abertas não espera resultados espetaculares no curto prazo. O Carma tem o seu tempo próprio de amadurecimento, embora ele sempre produza resultados - frequentemente de maneira invisível. Como qualquer instituição social, a S.T. de Adyar é responsável pelo que

faz e pelo que não faz. Assim como os dirigentes executivos de qualquer corporação privada, os líderes de Adyar devem estar dispostos a aceitar a verdade e admitir publicamente os erros da sua organização, especialmente se os erros são públicos e levam cidadãos de boa vontade a uma desinformação prejudicial de longo prazo.

O processo de perseguição de Adyar contra William Judge, desencadeado pouco depois da morte de H. P. Blavatsky, está bem documentado no livro “The Judge Case” (“O Processo Contra Judge”), de Ernest Pelletier. [1]

As acusações de que Judge havia forjado cartas dos Mestres de Sabedoria foram baseadas em uma campanha de rumores e constituíram um instrumento para conquistar o poder político na Sociedade Teosófica. O “Comitê Judicial” encarregado de fazer o julgamento declarou que não poderia tomar uma decisão sobre o tema. No entanto, Judge nunca foi declarado inocente.

Embora 2010 seja apenas o quinto ano desde que as cartas anuais começaram, os organizadores da campanha informam que tem havido uma simpatia crescente pela causa entre membros da Sociedade de Adyar na Inglaterra e outros lugares. Segundo eles, Adyar só tem a ganhar com a aceitação da verdade, nesta como em outras questões.

As cartas em defesa de William Q. Judge são também um modo de celebrar a preservação dos ensinamentos originais e da proposta autêntica de ação do movimento teosófico moderno, mais tarde consolidada através da Loja Unida de Teosofistas e de outras agrupações independentes. Cada um a seu modo e no seu tom e estilo próprios, os estudantes irão sugerir em suas cartas que Adyar admita a inocência de William Judge ou mostre provas dos seus supostos erros.

Os envelopes devem ser endereçados para “**Mrs. Radha Burnier, President, The Theosophical Society, Adyar, Chennai 600 020, India.**” Mais informações a respeito podem ser obtidas escrevendo para lutbr@terra.com.br.

NOTA:

[1] “The Judge Case”, de Ernest Pelletier, obra publicada pela Sociedade Teosófica de Edmonton, Canadá, em junho de 2004. Com mais de 980 pp. em tamanho A4, o livro reproduz uma grande quantidade de documentos e é um arquivo histórico sem igual.

Um Axioma e um Comentário

Examinando um Princípio Básico da Filosofia Esotérica

Robert Crosbie escreveu:

"As ideias governam as ações." [1]

Devemos observar o fato de que ele disse “ideias”, e não “discursos”. As ideias são coisas estáveis. As ideias que temos da vida, das pessoas e de nós mesmos regem o rumo geral das nossas ações. Isso ocorre inclusive subconscientemente.

É comum adotarmos ideias sem examinar a sua origem nem submetê-las a um exame crítico. Isso deve ser evitado dentro do possível, porque é uma forma de sonambulismo desperto.

